



PORTE
PAGO

ANO LIX

FARO, 1 DE FEVEREIRO DE 1979

B. N. L.
22. MAR 1979
DEP. LEG.

N.º 3 028

CORREIO DO SUL

SEMANARIO REGIONALISTA

Director: MARIO LYSTER FRANCO

«O Algarve Medieval» numa comunicação académica do Dr. Alberto Iria

O nosso ilustre comprovinciano, estimado colaborador e prezado amigo, Dr. Alberto Iria, apresentou há dias, na Academia Portuguesa da História, de que é Académico de número, uma valiosa comunicação, a que deu o título de O ALGARVE MEDIEVAL — PEDRAS SOLTAS PARA A SUA HISTÓRIA. Sem ser a primeira vez que aborda o importante tema, dado que são já numerosas as suas contribuições para o estudo do Algarve na época medieval, quer no âmbito da historiografia local propriamente dita, quer quanto à participação da nossa Província na expansão ultramarina, Henriquina e pós-Henriquina, o ilustre Académico, dada a quantidade de documentos que ainda, felizmente, existem respeitantes ao Algarve no Século XV, sobre os quais — disse — espera poder continuar a fazer incidir a sua atenção e o seu estudo, apresentou apenas alguns factos algarvios do período de 1441-1480, em especial das seguintes terras: Albufeira, 1442-1476; Alcoutim, 1442-1476; Faro, 1441-1480; Lagos, 1441-1476; Loulé, 1442-1478, e Silves, 1444-1476.

A sessão foi presidida pelo sr. Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, que tinha a seu lado os srs. Prof. Fernando Castelo-Branco e Dr. António Alberto Banha de Andrade, e trata-se, como é fácil de reconhecer, de mais uma valiosíssima achega que Alberto Iria dedicadamente junta às dezenas com que tem honrado e esclarecido a historiografia da Província que lhe foi berço. Como é óbvio, aguardamos com o mais alto interesse a respectiva publicação.

Universidade no Algarve

O Mundo está na infância e adulto só pode ser quando desaparecer, do Povo, a ignorância.

ANTÓNIO ALEIXO

ACABA de ser aprovada na Assembleia da República, por unanimidade (e isso demonstra a força da ideia), a lei da criação da Universidade do Algarve. É um grande acontecimento português que a todos fará rejubilar, especialmente aos algarvios. Efectivamente todos sentem, há muitos anos, quanto faz falta essa Universidade e a injustiça que vinha sendo cometida relativamente ao sul do país negando aos seus filhos mais pobres o acesso ao ensino superior e a todos os portugueses mais um centro de saber e de cultura.

Também António Aleixo foi, como a quadra acima demonstra, um dos que melhor compreenderam a necessidade desse Estabelecimento. Várias vezes manifestou a opinião de que a ideia era maravilhosa, mas não estava ao seu alcance, temporariamente, nem dos seus filhos, economicamente. Nem dele, nem de tantos algarvios de génio que as últimas gerações viram passar sem acesso aos graus altos do ensino e aos centros de valorização humana.

Quem teria levantado pela primeira vez a ideia da criação da Universidade do Algarve? Não se sabe. Seguramente foram vários; mas que o povo algarvio sempre manifestou, desde o início do século, o seu mais vivo interesse pelo ensino superior, disso não há dúvida; haja em vista o grande surto de estudantes algarvios que depois que surgiu o comboio na linha sul foram para Lisboa. E muitos deles eram filhos de gente humilde em que toda a família se congregava, num esforço titânico,

para conseguir «pôr a estudar» o seu representante.

Alguns se ouviu referir que, já nos anos de '30, seguindo um movimento europeu, alguns algarvios mais conscientes e mais viajados indicaram na imprensa a necessidade e conveniência de prolongar os estudos para além do Liceu; então apenas existia completo o de Faro e acabava de ser criado o de Portimão. Mas foi só depois de 1950 que mais abertamente, por escrito e pela palavra, o tema foi arrejado em público. Era já evidente que o número de Universidades tinha que aumentar em Portugal, já que no pós-guerra esse número crescia

substancialmente em muitos países do mundo, inclusive no Brasil. Durante uma sessão solene em Loulé, de distribuição de prémios aos alunos do concelho mais classificados nos vários graus de ensino, realizada em 1958 e noutra em 1965, subordinada ao tema da «Importância da Técnica na Vida Moderna», que teve lugar na Câmara Municipal de Faro, se mostrou que só o Ensino Superior no Algarve poderia dar à província outro horizonte cultural e outra potencialidade humana para o desenvolvimento das suas numerosas riquezas. Era cada vez mais claro e mais forte o desejo público.

1.ª PAGINA

Uma obra notável

«Dicionário da História da Igreja em Portugal»

POR iniciativa ou, pelo menos, sob a dedicada e competetíssima Direcção do ilustre escritor sr. Dr. António Alberto Banha de Andrade, distinto Professor de Cultura Portuguesa na Faculdade de Letras de Lisboa, vai iniciar-se em breve a publicação do DICCIONÁRIO DA HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL.

A sair em fascículos mensais, com a colaboração de historiadores da Academia Portuguesa da História, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de muitos dos melhores especialistas de História Religiosa e

das diferentes áreas regionais, o novo DICCIONÁRIO, que vem preencher uma lacuna que de há muito se regista na cultura nacional, abrange o País inteiro e o antigo Ultramar, até à independência de cada território, com especial referência ao Brasil e

4.ª PAGINA



«O Porto de Portimão» numa palestra do seu principal técnico responsável

O Rotary Clube de Portimão leva a efeito, no próximo dia 5, pelas 21 horas, no Hotel Golf Penina, uma reunião em que será palestrante o nosso estimado assinante e prezado amigo, sr. Engenheiro Analide Guerreiro, que falará sobre esse tema de flagrante actualidade que é O PORTO DE PORTIMÃO.

A grandeza da obra que nele se está realizando, a importância de que a mesma se reveste para a economia do Algarve e a elevada competência técnica do orador, seu principal responsável, como Engenheiro Director que é da Junta Autónoma dos Portos do Barlavento, fazem revestir a sua palestra de um interesse que desnecessário nos parece assinalar.

A reunião será efectuada em jantar e o CORREIO DO SUL desde já agradece o convite que para o mesmo tiveram a gentileza de enviar-lhe.

CORREIO DO SUL

Redacção e Administração
Travessa da Conceição, 14
Telefone 23500 FARO
Número avulso 5900

Proprietário
ALVARO DE LEMOS
(Herdadeiro)

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA «UNIAO»
Telefone 22319 FARO

Cerâmica Algarvia vai ser exposta em Lagoa

POR iniciativa da Câmara Municipal de Lagoa, vai realizar-se na mesma vila, de 10 a 18 de Fevereiro, uma exposição de CERÂMICA ALGARVIA.

O jovial empreendimento, que conta com a colaboração da Comissão Regional de Turismo, visa uma maior divulgação e a consequente incrementação de uma das nossas mais tradicionais indústrias artísticas e artesanais.

A exposição efectua-se no Motel Alagoas, da mesma vila, e está sendo aguardada com o mais subido interesse.

Uma máquina para limpeza das praias

ADQUIRIDA em França pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, já se encontra na nossa Província uma máquina para a limpeza das praias, cujo custo andou à volta dos mil contos. Trata-se de uma aquisição do maior interesse, não apenas pela economia de tempo e de verbas que possibilita, mas também pela maior eficiência que garante nos fins a que se destina.

Rebocada por um tractor, a máquina pode limpar 4 quilómetros por hora em terreno de fácil manobra e um quilómetro por hora em terreno que ofereça dificuldades.

Supomos que é a primeira ou, pelo menos, uma das muitas poucas que existe no País e espera-se que, muito em breve, mediante colaboração a obter dos diferentes Municípios, a máquina para a limpeza das praias comece a actuar no litoral algarvio.



Vai realizar-se em Lagos o II Encontro dos Escritores Algarvios

MARCADO inicialmente para os dias 21 e 22 de Janeiro, em Quarteira, é afinal, a exemplo do que já aconteceu no ano transacto, em Lagos e no próximo dia 18 do corrente, que se realizará o II ENCONTRO DE ESCRITORES ALGARVIOS, meritória iniciativa de GEA, que, como o anterior, se espera resulte um dos momentos mais altos da nossa cultura regional.

O Encontro deste ano subordinar-se-á ao tema de «O Regionalismo» e, tal como aconteceu no primeiro, os

vários trabalhos apresentados serão reunidos em «Cadernos».

O II Encontro decorrerá num só dia, destacando-se do programa previsto: As 9.30 — Chegada dos Escritores; às 10 — 1.ª sessão de trabalhos (Assembleia Geral do Grupo de Estudos Algarvios); às 12.30 — Almoço; às 15 — Inauguração da II Feira do Livro Algarvio; às 15.30 — Recital de Poesia; às 17 — 2.ª sessão de trabalhos (Discussão das Comunicações e Conclusões do Encontro) e, às 19 — Encerramento.

O II ENCONTRO DOS ESCRITORES ALGARVIOS conta já com o apoio da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

O Cão-de-Água do Algarve

O semanário italiano «Domenica del Corriere» publicou, no seu número de 17 de Janeiro findo, um interessante artigo sobre o Cão-de-Água do Algarve, ilustrado com várias fotos do único exemplar existente em Itália, o «Zum-Zum de Alvalade», de que é dono o sr. Aldo Orselli.

Este animal conquistou, recentemente, o prémio para o melhor daquele raça, na VII Exposição Canina Internacional, realizada na Aldeia das Açoites.

O excelente artigo contribuirá de certo para renovar o interesse por aquela raça de cães que, tendo o seu solar no Algarve, se encontra hoje em perigo de extinção.

Recorde-se, no entanto, que numa outra Exposição de Cães de raça realizada há relativamente poucos anos, pelo então existente Gabinete para o Desenvolvimento Turístico do Algarve, na nossa Alameda de João de Deus, estiveram presentes vários exemplares, havendo mesmo uma senhora portuguesa que se dedicava à sua criação e foi na mesma Exposição muito merecidamente premiada.

A benzedeira

Por J. Piedade Junior

É um dos temas tratados pelo pintor e publicista Armando de Lucena no seu trabalho «Arte popular».

Nele se refere o autor à velha crença em que nos criaram e segundo a qual a benzedeira, bruxa ou mulher de virtudes, opera autênticos milagres na cura de inúmeras e variadas mazelas. E sem utilizar para isto mais do que umas quantas rezas ou orações e uns simples golpes num pequeno galho de figueira, assim a modo de exorcismo.

Conta-nos a propósito Armando de Lucena: «Há poucos anos, de passagem por Barca da Amieira, ali a dois passos de Niza, um amigo adoeceu repentinamente em casa de pessoa que nos recebera generosa e fidalgamente.

Uma dor de cabeça violenta, inexplicável, dominou o companheiro de passeio, de maneira a privá-lo

de acompanhar o resto do grupo. O médico morava longe, coisa dura ou duas léguas dali.

Há hesitações, porque as dores recrudescem, e não se sabia bem o que fazer: ir a Niza propositadamente, ou esperar que a própria Natureza actuasse como sempre em tais casos. Seria talvez o melhor em nosso conceito, mas o infortunado companheiro de viagem continuava impaciente e com opinião talvez diversa da nossa. Então, a dona da casa, caridosa e hospitaleira, com toda aquela solicitude fidalga de boa alentejana que se presava de ser, com ar evangélico e uma ternura admirável de fé, arriscou como tentativa salvadora:

«— E se chamássemos a benzedeira?»

O que surpreendeu não só o es-

5.ª PAGINA

DA VIDA QUE PASSA

Azinhal Abelho

FOI com profundo desgosto que recebemos a notícia da morte de Azinhal Abelho. Em boa verdade, ainda não há muito tiveram notícias suas e nem sequer o sabíamos doente. Tínhamos-lhe escrito há menos de oito dias, de forma que o faria sorrir, e, soubemo-lo agora, estava desde Novembro a braços com uma crise cardíaca, que, parece, nem mesmo os seus íntimos tinham como de gravidade excepcional. E, pura e simplesmente, tal como ele na sua modestia gostaria, morreu no passado dia 21. Morre assim, pelo coração, quem pelo coração sempre viveu, senhor de uma bondade rara, de requintes de delicadeza, de amizade e de ternura que a todos cativavam, amando as coisas belas da vida — as flores, sobretudo quanto

mais simples e singelas; as mulheres e as crianças, sobretudo as mais pobres e desamparadas; os ciganos, pela sua vida singular e errante; o Homem, como seu irmão e nunca como seu rival —, tudo sempre com uma paixão toda feita de humildade e de renúncia, como se para ele tudo estivesse à sua altura, tudo fosse bom, tudo bastasse, tudo fosse susceptível de compreensão, de amizade e de desculpa. São assim, os justos, os bons como ele era.

Escreveu-se já, a propósito da sua morte, que ficam, por virtude dela, mais pobres a poesia e o teatro em Portugal. E é verdade. Fica mesmo mais pobre Portugal inteiro, ficamos mesmo mais pobres todos nós, pelo que nele havia de fidelidade aos grandes princípios que regem uma

4.ª PAGINA



Audiovisual sobre o Brasil

PROMOVIDO pela «Varig», realizou-se no passado dia 18, num dos hotéis desta cidade, a apresentação de um complexo audiovisual sobre as potencialidades turísticas do Brasil.

Foi um excelente ensejo para um mais perfeito conhecimento da grande nação de expressão portuguesa que os nossos maiores criaram do outro lado do Atlântico, mas cujos laços de nação-irmã, por excelência, temos consentido em enfraquecer.

«O menino e o Banco»

ASSINALANDO o Ano Mundial da Criança, o BANCO NACIONAL ULTRAMARINO tomou a louvável iniciativa de editar um pequeno livro com o título que nos serve de epígrafe e que praticamente revela o seu conteúdo. Primorosamente apresentado e com belíssimas e sugestivas ilustrações ele ensina à criança o que é e para que serve um Banco, descrevendo as respectivas operações em prosa amena e acessível.

É o que se chama uma linda oferta, dado que para o efeito se destinam, que todos, grandes e miúdos, folhearão, com prazer. Assim aconteceu com os exemplares que tiveram a gentileza de trazer-nos e que muito sinceramente agradecemos.



Forte de São Lourenço da Barra de Faro — Achegas para a sua localização

Pelo Eng. António da Fonseca Leal de Oliveira

(Continuação do número anterior)

2.21. Em 1792 voltamos a ter notícias da Fortaleza de São Lourenço num relatório militar assinado em 1 de Abril pelo Conde de Oeynhausen (42) passados que foram vinte e sete anos após o relatório do Sargento-mór Romão do Rêgo.

Dele extractamos o seguinte passo: «O Forte de São Lourenço da Barra, tem Governador com patente de Capitão, e vai para a sua guarnição hum oficial subalterno e 10 soldados do Regimento de Artilharia, alem destes ha hum sargento, hum cabo e dois soldados de Artilharia avulsos: precisa alguns enxertos.»

Destas afirmações retiramos que a Fortaleza está novamente operacional uma vez que possui, segundo o Conde

1.ª PAGINA

BILHETES DE VISITA

Fazem anos:

Hoje, 1 de Fevereiro, a sr.^a D. Ana Bicker Correia da Costa e o sr. João Pedro Delgado Pestana Girão.

Em 2, as sr.^{as} D. Maria Leonilde Pires Faísca Teixeira e D. Isabel Maria Girão Teixeira Marques Ramires e o sr. Dr. Manuel Ramalho Ortigão de Melo Vaz de Sampaio.

Em 3, a sr.^a D. Maria Lúcia d'Ayet Leote Marreiros Neto e o Dr. João António de Oliveira Reboredo.

Em 4, a sr.^a D. Fernanda Lopes dos Santos e o sr. Dr. Mário Porto.

Em 5, a sr.^a D. Maria José Nobre Dias e o sr. Felizardo Carapinha.

Em 6, as sr.^{as} D. Maria da Conceição Vilhena de Melo Sampaio e D. Maria do Carmo e D. Maria Amélia Ferrete Afonso Peres e o sr. Frederico de Assis Mil-Homens.

Em 7, as sr.^{as} D. Maria Valagão Guerreiro, D. Maria da Graça Eusébio Pacheco Barreiros dos Reis, D. Maria Isabel Eusébio Pinto e D. Maria da Glória Belchior Antunes de Moura.

Em 8, as sr.^{as} D. Fernanda de Sousa Santos de Bivar e D. Rosália Abecasis Pereira de Resende do Nascimento e os srs. Tenente-Coronel Eng.^o Teodoro Alves Fernandes e Dr. António Neves Anacleto.

Em 9, o sr. Antero de Lima Nobre e o menino Vasco Nuno Rafael Rodrigues Mil-Homens.

Em 10, os srs. António Fernando e Fernando António Lopes Leitão Correia.

Em 11, as sr.^{as} D. Maria José Sales de Carvalho Saigado Parreira do Amaral e D. Irene Leal Calapez do Carmo e o sr. Dr. Manuel Francisco Lopo Vaz do Carmo.

Em 12, a sr.^a D. Emília Leal Viagas.

Em 13, as sr.^{as} D. Maria Isabel Salgueiro Paula Ramos Cassiano e

D. Teresa Company Rodrigues Mil-Homens.

Em 14, as sr.^{as} D. Brites Berredo Falcão Santos, D. Inês Cândida Vilhena de Melo Sampaio, D. Aurora Calapez da Silva Martins, D. Anabela Fins de Sant'Ana Pereira Beato e D. Maria Inês da Costa Quaresma Herdade.

★

A fim de assistir a uma festa de família, esteve em Faro com sua esposa e filhos e teve a gentileza de dar-nos as suas notícias, o distinto médico-radiologista, nosso estimado confratão, velho amigo e assinante em Lisboa, sr. Dr. João Maria Sanches Inglês Esquivel.

★

Encontra-se doente a sr.^a D. Maria Otília Guerreiro Lima Nobre, esposa do nosso estimado colaborador e prezado amigo sr. Antero Nobre, por cujo completo restabelecimento fazemos sinceros votos.

★

Na igreja paroquial de Alcantarilha, realizou-se há dias a cerimónia do baptismo do menino Filipe Rodrigues Marques Dias, filho da sr.^a Dr.^a D. Helena Bárbara de Sousa Montes Rodrigues Marques Dias e do sr. Eng.^o Francisco José Castelo Marques Dias, residentes na capital. O neófito é neto materno da sr.^a D. Zélia de Sousa Montes Rodrigues e do sr. José Guerreiro Rodrigues, comerciante naquela povoação, e paterno da sr.^a D. Rosa Maria Jorge Castelo Marques Dias e do sr. José Marques Dias, conceituado gerente da Filial do Banco Nacional Ultramarino e nosso prezado amigo e estimado assinante nesta cidade, e foram padrinhos seus tios, a sr.^a Dr.^a D. Graça Maria Castelo Marques Dias Aragão e o sr. Dr. António Ribeiro Aragão.

As nossas felicitações.

UNIVERSIDADE NO ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

muitas vezes calado mas largamente difundido, da instalação de um centro universitário no Algarve. O grande número de alunos que já então seguiam os cursos secundários (alguns milhares já nos anos de '60), a grande distância às cidades universitárias portuguesas e a legítima ambição de se promover socialmente pelo estudo passaram a constituir motivo mais que bastante para a reivindicação. Foram então vários os algarvios mais devotados à escrita que a apresentaram nos jornais da província.

Na sessão de propaganda eleitoral da oposição democrática, realizada em Faro no breve período de liberdade de 1969, foi levantado o problema do atraso dos meios de ensino no Algarve e foi falada a carência de uma Universidade. Em Abril de 1970 publica-se, em jornais da província e no Diário de Notícias de New Bedford, nos EUA, um apelo para a sua criação sob o título de «Carta Aberta aos Algarvios de Todo o Mundo». Esse apelo teve acentuada repercussão na imprensa de Lisboa e larga resposta de algarvios de todas as classes sociais, residentes na província e fora dela, inclusive de emigrantes. Foram, a partir de então, numerosíssimos os artigos nos jornais locais e muitos os algarvios mais conscientes e mais cultos que, em numerosos artigos, sintetizaram as razões, os porquês e as vantagens da mais que falada instituição. Entre outras coisas, escreveram que a criação de uma Universidade no Algarve seria um importante acto político, à escala do país, do qual haveria que esperar as maiores repercussões no combate ao nosso atávico e descuidado atraso.

A 14 de Abril de 1972 realiza-se no Círculo Cultural do Algarve uma conferência a que foi dado o título «Conceitos para uma Universidade», que fez deslocar à capital da província muitos algarvios interessados. Essa conferência veio depois a ser publicada na íntegra em dois jornais algarvios e posteriormente pela Casa do Algarve na colecção Estudos Algarvios (n.º 14) graças a generosa dádiva de ilustre compatriota. Numerosos foram os actos de adesão à ideia, tendo sido

criada uma comissão de apoio à Universidade do Algarve, tendo várias organizações e associações do sul manifestado às autoridades locais a sua convicção de que era inadiável uma decisão por parte do Governo. Há várias intervenções nesse sentido na Assembleia Nacional por parte de deputados pela província, sucedem-se as reuniões de apoio na Casa do Algarve, onde se cria uma Comissão para o estudo dos problemas da sua instalação. Um numeroso grupo de destacados algarvios é recebido pelo Presidente do Conselho de Ministros e manifesta-lhe o veemente desejo de todos de que a província fosse contemplada com uma Universidade, já que então se dizia que várias escolas desse nível iriam ser criadas em Portugal. Mas nada; literalmente nada... A Lei universitária de instituição de novas escolas superiores no país, em meados desse ano esqueceu o Algarve e, ao sul de Lisboa, só em Évora (que não fica nas rotas habituais dos algarvios) foi criado algo: apenas um Instituto Universitário... E no entanto nasceram as Universidades de Aveiro (ao pé de Coimbra) e do Minho e ampliado o número de Centros de Coimbra. Foi muito grande a frustração do povo da província algarvia e isso foi dito claramente em várias ocasiões.

Com o 25 de Abril renasceram as esperanças! No «Correio do Sul» inicia-se um debate sobre o tema «O Ensino Superior que Melhor Serve o Algarve» e em 15 de Abril de 1975 tem lugar na antiga Escola Industrial de Faro um animado colóquio sobre «Escolas Superiores no Algarve», atendido, ao que se julgou, por mais de um milhão de pessoas. Nele participaram professores, intelectuais, estudantes e simples cidadãos de todos os matizes políticos. Foi uma grande e unânime manifestação organizada por pessoas com um conceito unitário das lutas dos povos para o progresso e o desenvolvimento. Outras acções se têm seguido da parte de várias entidades quer oficiais quer privadas sendo cada vez mais forte a pressão sobre o Governo, vinda de todos os quadrantes, para a criação da Universidade do Algarve.

A unanimidade dos deputados da Assembleia da República, quer na

lei inicial aprovada em 1978 quer na que agora institui a Universidade no Algarve, mostram que serão vãs as pretensões políticas de chamar a este ou àquele partido o mérito da importante decisão que agora o país vê tomada. A Universidade do Algarve nasceu da vontade consciente de todos os algarvios.

J. LAGINHA SERAFIM

Câmara Municipal de Faro

EDITAL N.º 4/79

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA — CONSTRUÇÃO DE 4 PRÉDIOS DE 12 PISOS NA CARREIRA DE TIRO EM FARO, DESIGNADOS POR BLOCO A, BLOCO D, BLOCO E E BLOCO H — OBRA COMPARTICIPADA PELO FUNDO DE FOMENTO DE HABITAÇÃO

JOAQUIM LOPES BELCHIOR, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Faro.

FAZ PÚBLICO que foi prorrogado o prazo para a apresentação de propostas do concurso público para a adjudicação da obra em epígrafe aberto pelo Edital n.º 1/79 desta Câmara Municipal que deverão dar entrada na Secretaria desta Câmara Municipal até às 17 horas do dia 2 de Março do corrente ano.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que irão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 18 de Janeiro de 1979

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Joaquim Lopes Belchior

Mutualidade Popular

Associação de Socorros Mútuos

Sede Social - Largo do Terreiro do Bispo, N.º 2 1.º - FARO

1.ª Assembleia Geral Ordinária

Convocação

Conforme o disposto nos Decretos-Lei n.ºs 636/76 e 807/76, respectivamente de 28 de Julho e de 8 de Novembro, convoco os Senhores associados a reunirem na sede social, às 21 horas e 30 minutos do dia 9 de Março de 1979, com a seguinte ordem de trabalhos:

APRECIAR, DISCUTIR E VOTAR O RELATÓRIO E CONTAS DA D.RECÇÃO E O PARECER DO CONSELHO FISCAL, DA GERÊNCIA DE 1978.

Não comparecendo metade dos sócios com direito a voto, não poderá a Assembleia funcionar, pelo que, convoco desde já nova reunião para o dia 22 do próximo mês de Março à mesma hora e no mesmo local, para em segunda convocação deliberar com qualquer número de sócios.

Faro, 1 de Fevereiro de 1979

O Presidente da Assembleia Geral,

a) AMILCAR NEPOMUCENO ALEIXO FAZENDA

NOTA: A documentação da Gerência de 1978, encontra-se patente na Secretaria desta Associação para apreciação dos senhores associados durante quinze dias úteis, com início em 5 de Fevereiro, do corrente ano, das 14 às 17 horas.

Faro, 1 de Fevereiro de 1979

O Presidente da Direcção,

a) JOAQUIM DA ROCHA PEIXOTO MAGALHÃES

Câmara Municipal de Faro

EDITAL N.º 5/79

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA «CONSTRUÇÃO DE UM PRÉDIO DE 10 PISOS NO LARGO DO CARMO EM FARO» — OBRA COMPARTICIPADA PELO FUNDO DE FOMENTO DE HABITAÇÃO

JOAQUIM LOPES BELCHIOR, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Faro.

FAZ PÚBLICO que foi prorrogado o prazo para a apresentação de propostas do concurso público para a adjudicação da obra em epígrafe aberto pelo Edital n.º 2/79 desta Câmara Municipal que deverão dar entrada na Secretaria desta Câmara Municipal até às 17 horas do dia 2 de Março do corrente ano.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que irão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 18 de Janeiro de 1979

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

Joaquim Lopes Belchior

Contamos com mais de 100 balcões distribuídos por todo o país.

Agora, presentes também em

FUZETA

com uma nova Agência pronta a impulsionar o progresso desta laboriosa região.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

conte connosco

A benzedeira

(Continuação da 1.ª página)

critor, como aquele que se sentia doente.

Quanto a nós, porém, sem motivos para tanto. Pois não concedeu o Génio do Mal, um bruxo também, a graça dum filho a uma mulher providamente estéril, infrutuosa portanto?

É isto pelo menos o que nos afirma José Régio no seu *Príncipe com orelhas de burro*.

É José Régio — quem põe isto em dúvida? — não mentia. Inventava, sonhava, criava enfim, mas não mentia.

Se bem que a poesia — e Régio era um poeta — se alimenta muito da fantasia, da ficção, do devaneio, portanto.

Mas voltando à benzedeira. Esta encontra-se ainda, um pouco por toda a parte, como se sabe. Que ela não se resguarda...

Faz até gala dos dons com que Deus ou o Diabo a presenteou. Daí a aceitação, em que é tida ainda hoje, pois há mesmo quem prefira os seus bons ou maus ofícios aos serviços dum clínico...

Já um dia utilizámos a ciência da benzedeira. Foi o caso que tendo saído a um passeio, metendo-nos para isso por um velho caminho de cabras, mal havíamos dado uns quantos passos e estávamos estatelados, com uma entorse.

Uma vez em casa, onde nem sabemos como regressámos, logo pedimos a assistência dum médico. Mas era domingo e ao domingo quem é que trabalha?

E não só ao domingo...

Aconteceu por isso que alguém, que já não era a dama alentejana, mas uma algarvia, cheia de ternura como a primeira, aventou tal como esta:

— E se chássemos a benzedeira?

Veio pois a benzedeira, que se não nos aliviou das dores que sofriamos, também não veio piorar o nosso estado.

Que as alicantinas de tal mulher as tivémos sempre como inoperantes...

J. PIEDADE JÚNIOR

Primeiras impressões

(Continuação da 4.ª página)

cas luas de mel em quarto crescente (os jovens), ou em quarto minguante (os mais idosos). Afigura-se-me assim que o clima da Madeira contém quaisquer emanções com efeitos especiais ou que o sentir-se numa ilha, ainda que grande, cria nas pessoas a necessidade de protecção e carinho, aconchegando-se mais ao companheiro ou companheira. Seja qual for a razão, tome um conselho que de boria lhe vou dar: — «Se o seu casamento tiver problemas, um passeio à Madeira será um bom remédio».

Aqui está um sector de publicidade a explorar, a que talvez não falte clientela...

Ainda não vi o resto da ilha da Madeira e há muito para ver. Para já posso dizer, parafraseando um grande poeta Espanhol que escreveu algo de parecido, deslumbrado com a beleza de Granada: — «Não deve haver peor mal, do que ser cego no Funchal».

M. R.

CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE LAGOS

A cargo da Notária Licenciada em Direito Palmira Amaral Seabra

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas número A-108, de folhas 30 a folhas 34, se encontra exarada com data de onze de Janeiro de 1979, uma escritura de justificação notarial, na qual Manuel José, separado judicialmente, de pessoas e bens, natural da freguesia de Odeixe, Concelho de Aljezur, e Francisca Maria Rosado de Cintra, solteira, maior, natural da freguesia de Barrão de São Miguel, Concelho de Vila do Bispo, residentes habitualmente no sítio do Pinheiral, freguesia de Odeixe, Concelho de Lagos, com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores em co-

mum e partes iguais, do seguinte

— Prédio rústico composto de terra de semear, horta, árvores e casas, com direito a metade numa nóra e um tanque, no sítio do Pinheiral, freguesia de Odeixe, Concelho de Lagos, que confronta do Norte com Joaquim Reis, sul com José Pacheco Serrão, Nascente com a Estrada e Poente com José Pacheco Serrão e Maria Helena Nunes Segurado; inscrito na matriz predial urbana sob o artigo número quatrocentos e catorze e na matriz rustica sob os artigos números mil quinhentos e cinquenta e quatro, mil quinhentos e cinquenta e seis, mil quinhentos e cinquenta e sete e mil seiscentos e noventa e três, com o valor matricial total de setenta e seis mil setecentos escudos, e compreende três prédios; um descrito na Conservatória do Registo Predial desta Comarca de Lagos, sob o número onze mil

cento e cinquenta, a folhas cento e sessenta e seis verso do Livro B-vinte e nove, abrangendo os artigos rústico número mil seiscentos e noventa e três, e urbano quatrocentos e catorze; outro descrito na mesma Conservatória sob o número doze mil oitocentos e vinte e um, a folhas dezoito verso do Livro B - trinta e quatro, abrangendo os artigos rústicos números mil quinhentos e cinquenta e seis e mil quinhentos e cinquenta e sete; e outro omissão na dita Conservatória correspondendo ao artigo rústico número mil quinhentos e cinquenta e quatro.

Que os justificantes adquiriram o referido prédio por compra lavrada por escritura pública, neste Cartório Notarial em catorze de Janeiro de mil novecentos e setenta e quatro, no livro de notas para escrituras diversas número A - setenta e dois, de folhas dezasseis a folhas dezoito a Fernando Duarte e mulher Laura Maria da Luz Duarte, residentes em Lagos.

Que a transmissão dos prédios descritos na dita Conservatória sob os números onze mil cento e cinquenta, a folhas cento e sessenta e seis verso do Livro B - vinte e nove, e doze mil oitocentos e vinte e um, a folhas dezoito verso do Livro B-trinta e quatro, estão registados a favor do dito Fernando Duarte, pelas inscrições números três mil quatrocentos e vinte e cinco, a folhas cinquenta e uma do Livro G-cinco, e cinco mil

quatrocentos e dezanove, a folhas cento e quarenta e oito verso, do Livro G-sete, mas o prédio rústico inscrito na matriz sob o artigo número mil quinhentos e cinquenta e quatro, composto de terra de semear e árvores no dito sítio do Pinheiral, que confronta do Norte com Joaquim dos Reis, sul com Fernando Duarte, Nascente com herdeiros de Manuel Pedro e poente com herdeiros de José de Moura Segurado, por estar omissão na citada Conservatória não pode ser inscrita a transmissão a favor dos justificantes.

O dito prédio foi comprado pelo referido Fernando Duarte a José Furtado Junior e mulher Adélia Coelho Furtado, por escritura de nove de Abril de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada neste Cartório por sua vez o dito José Furtado Junior, adquiriu o prédio por herança de seu pai José Furtado, em inventário orfanológico, em mil novecentos e dezanove, inventário que ardeu no incêndio que deflagrou em dezoito de Fevereiro de mil novecentos e setenta e três, no Tribunal Judicial de Portimão, tendo ardidado todo o arquivo da Comarca de Monchique, a que pertencia este inventário.

É certidão que fiz extrair e vai conforme ao original.

Lagos, dezassete de Janeiro de mil novecentos e setenta e nove.

A 2.ª ajudante do Cartório Notarial

Luísa Simões Costa

no B.N.U. só não está seguro quem não quer.



Basta ser depositante do BNU, para estar automaticamente seguro. Sem trabalho. Sem demora. Através do seguro do depositante. E, só se não quiser é que não aproveite as enormes vantagens deste novo serviço, que o Banco Nacional Ultramarino criou para si. Informe-se sobre o Seguro do Depositante em qualquer Agência do Banco Nacional Ultramarino.



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
DA EXPERIÊNCIA PARA O FUTURO

Forte de São Lourenço da Barra de Faro

(Continuação da 1.ª página)

de Oeynhausen, guarnição e somente «preciza de alguns enxertos».

A fortaleza continua na altura envolvida pelas águas já que em nota à margem do relatório o mesmo oficial acrescentou:

«Este he isolado no mar como de Torre de Bogio».

2.22. O Decreto de 1 de Julho de 1795 indica-nos o corpo de guarnição fixa para as Fortalezas do Algarve e assinala a Fortaleza de São Lourenço da Barra de Olhão ainda operacional e destinada «para evitar descaminhos dos reais direitos daquele povo» (42).

2.23. Num manuscrito existente na secção de Reservados da Biblioteca Nacional cuja letra parece do século XVII (44) a entrada de levante da Laguna de Faro é descrita da seguinte forma:

«Para entrar em Faro se para a banda de leste: a barra corre dentro para oeste e para estenoroeste: deixar-se-ha a torre a mão esquerda, indo andando por duas e tres braças, e tomando dentro, se dava fundo defronte da cidade por cima da ilha em tres braças».

Neste manuscrito a Fortaleza de São Lourenço é colocada na barra em zona muito instável. Assinala a existência da barra da Barreta.

(42) — Conde de Oeynhausen, marido da Marquesa de Alorna. Desempenhou vários cargos e missões oficiais em Portugal onde se estabeleceu após ter percorrido vários reinos europeus como militar. Em 1792 foi nomeado sucessivamente Tenente-General de Infantaria, Inspector-Geral de Infantaria e, por último, Governador-Geral do Algarve. Este último cargo parece que não chegou a desempenhar. Vide: Candido Marrecas «O Marido da Marquesa de Alorna Governador do Algarve, in «Correio do Sul», 21-4-77; Grande Enciclopédia Port. e Braz., Vol. 19, pág. 217; Enciclopédia Portuguesa, Vol. 8, pág. 15. No entanto, talvez com o cargo de Inspector-Geral de Infantaria esteve no Algarve onde em Faro, no dia 1 de Abril de 1792, assinou um relatório intitulado «Relação abreviada do estado presente em que se achão as Praças, Fortes, e Bateria do Reino do Algarve feita em o 1.º de Abril de 1792», Arquivo Histórico Militar, 3.ª Divisão, 9.ª Secção, n.º 7, Caixa 87.

(43) — Biblioteca do Ministério da Marinha.

(44) — Manuscrito com letra do século XVII, intitulado «Geographia Historica do Brazil, Africa, Asia, Portugal, etc. fl. 154. Geographia do Reino de Portugal. COD 475.

(Continua no próximo número)

CORREIO DO SUL

Alberto Iria

Pelo Prof. Doutor
M. Viegas Guerreiro *

(CONCLUSÃO)

O curioso é que nesse tempo a preocupação maior era o estudo, a discussão de ideias e das matérias que aprendíamos. Não faltaram, é evidente, graças e saltos, comérias, a toada dominante, porém, era o culto dos livros. Aquela manga de Olhão, imbuída de interesses culturais pelo patriarca filósofo, começava a ser adulta, antes de tempo. E o peccadilho da vaidadezinha de um ou outro, deslumbrados com a sabedoria, resvalava, às vezes, para a sobrançeria, senão troça dos deserdados da fortuna de não viverem na ambiência do Mestre. Ainda estou a ouvir reparos desse tipo, eu que era um montanhoso da beira-serra, da boca de um desses pequenos doutores e estetas, por sinal um excelente companheiro de Universidade: o malogrado Manuel Henriques da Cruz.

Mas estou a desviar-me demais do nosso homenageado, que o escrito é dele e para ele.

A amizade que nos aproximou no Liceu veio a crescer na Faculdade de Letras. Sua afabilidade era sem limites, sua bondade a cada passo comprovada. E o que foi continua a ser pela vida fora. Os tempos não vão propícios para louvar os homens virtuosos. Preza-se a inteligência, o saber mais que a virtude. Aos maus, se intelectualmente bem dotados, tudo se desculpa. E se acaso a fama os toca, não há ignomínia que se lhes não perdõe. E, afinal, os homens bons são os mais raros. Não se sacrifica no altar da bondade. E esta juntamente com uma inteligência lúcida e profundo saber são prendas que poucas vezes concorrem em um mesmo ser; pois ambas possui o Alberto Iria. Está com ele uma natural virtude que a reflexão aprimora, valoriza. Buscavam-na os antigos para não sofrer, para serem felizes, uma felicidade que exclui o amor e a paixão, quanto pudesse perturbar a alma e tirá-la de um sossego absoluto. Era uma olímpica serenidade que só se achava no isolamento, na solidão, longe da perversão do mundo e por meio da sabedoria. Esta a moral antiga de cínicos e estoicos, de Platão e Aristóteles. Amar o próximo como a si mesmo até ao sacrifício, comunicar humildemente com ele, doer-se de suas dores, são virtudes que só o Cristianismo trouxe. Ora uma alma assim é a do nosso homenageado. Bondoso, naturalmente humilde na presença de grandes e de pequenos; não lhe faltando nunca uma palavra de esperança e com lugar para perdão até para os que alguma vez o têm ofendido.

Ama como ninguém a sua província e nisso não quero que haja quem o exceda. Parece realizar-se nele essa conformidade que Fernão Lopes acreditava se gerasse entre o homem e a terra: «... o pregoeiro da vida que é a fome, recebendo refeição pera o corpo, o sangue e espíritos gurrados de tais viandas tem uia tal semelhança entre si que causa esta conformidade» (1).

Não correu atrás de riquezas nem de ostentações. Nasceu pobre e pobre tem vivido, pai amantíssimo, avô carinhoso, hoje quase só, ralado de desgostos, o maior dos quais foi o falecimento prematura de sua esposa; e de ingratidões, de desilusões, como a de não ver cumprida na terra portuguesa a justiça social cristã, com que sempre sonhou.

Ficam, porém, consigo as únicas riquezas que lhe não podem tirar: seus livros, seu saber, e o coração fraternalmente aberto a todo o sofrimento humano. Este o retrato moral do cidadão que hoje celebramos. E tenho dito.

M. VIEGAS GUERREIRO

(1) — No Prólogo da Crónica de D. João I.

A Influência da Economia na Estabilidade Política

Por Machado Pinto

As declarações do prof. Dr. Jacinto Nunes, na Assembleia da República, durante o debate do Governo, de que é vice-primeiro-ministro, despertaram, em quantos se interessam e preocupam com a Política do País, o maior interesse.

Na verdade, podemos classificá-las de muito oportunas, sensatas e realistas, sobretudo, ao declarar que, a sociedade nova só se pode construir com verdade e não com demagogia.

O povo começa a estar saturado de palavras vazias de sentido e por isso quer e exige mesmo a verdade, para saber, como costuma dizer-se, a lei em que vive, e consequentemente, o rumo a dar à sua vida.

Relativamente, à necessidade de desenvolvimento e do Mundo do Trabalho ter a noção da sua responsabilidade, é caso para acrescentarmos que já não é sem tempo, e muitos são os trabalhadores que bem o compreendem e o aceitam, como imprescindível, para a salvação deste País, pois toda a gente sabe que é necessário criar e acumular, para se poder distribuir, não sendo possível tirar água das fontes secas.

Não há estabilidade política sem estabilidade económica, pois, como diz o nosso povo, casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

No fundo, o que o prof. Dr. Jacinto Nunes nos deixa antever, é a necessidade duma reforma profunda, não só na economia, como na mentalidade portuguesa, por forma a deixar-se de fantasias e entrar no campo das realidades, porque são estas, afinal, que contam para a vida.

Um Estado responsável, não pode contemporizar, passivamente, com a ruína da economia nacional, que o mesmo é dizer, com o mau estar da vida colectiva da Nação. Deve, por isso, acabar com a anarquia, no mundo do trabalho, traçando directrizes duma política económica construtiva, com vista ao futuro. Isto, é claro, não significa que o Estado tenha de interferir directamente na vida das empresas, sobrepondo-se à iniciativa privada, mas antes promovendo um movimento que conduza ao aumento da produtividade. Pois, como se sabe, tornou-se imperioso, nas sociedades modernas, que o Estado coordene, directa ou indirectamente, a economia nacional, num objectivo comum, de bem-estar para todos.

Julgamos que é esta a conclusão que poderemos tirar das declarações do prof. Dr. Jacinto Nunes, o homem que, presidindo aos conselhos de ministros, para os Assuntos Económicos, tomou sobre os seus ombros grandes responsabilidades, de indiscutíveis reflexos na vida futura de todos nós. Resta saber, no redemoinho dos interesses políticos, como vai passar das intenções às realidades.

sobe montes acima, em planos incriveis, entremeados de largas manchas de luxuriante verdura, jardim habitado subindo para o céu. A noite, as luzes tremulam e descem do alto dos montes à baixa, como riberis fluorescentes que vão correndo e aumentando, num largo anfitriato que lembra, muito ampliada, a Cova da Iria em noite de 13 de Maio.

Tem o Funchal lindos jardins e parques cheios de árvores e de flores, boas Igrejas sendo o tecto da Sé uma maravilha, enorme actividade comercial e grande movimento de carros e de peões. Pela inclinação do piso da cidade, parece-me que nem só a água corre para a baixa, como ali se despeja o pessoal e os automóveis durante todo o dia. A noite não, pois a partir das 22 horas quase não vejo ninguém nas ruas, tal como em certas cidades espanholas da Andaluzia.

O clima em Janeiro é ameno, chovendo por vezes é certo, mas por pouco tempo como no Algarve. Depois volta o sol. Por isso os hotéis estão repletos de estrangeiros, que se veem, e ouvem, por todo o lado. Como é zona de jogo tem um bom Casino, havendo porém em construção um moderno e grande edificio para o mesmo fim, cujo aspecto exterior já impressiona pelo estilo e imponência.

Vagueando a pé pelo Funchal reparo na grande quantidade de pares jovens, e não só, que amorosamente, de mãos dadas, passeiam pelas ruas, parques e jardins, em autêntico

2.ª PAZINA

Postos de Turismo em Carvoeiro e Olhão

A interessante povoação e sobretudo Praia de Carvoeiro, que ultimamente tem conhecido uma forte incidência no sector turístico algarvio, vai passar a dispor, a partir do próximo dia 10, de um Posto de Informação.

Concretiza-se dessa forma um propósito comum da Comissão Regional de Turismo do Algarve e da Câmara Municipal de Lagoa, que, em perfeita colaboração, tomaram possível um melhoramento que em absoluto se impunha e muito contribuirá para o aumento daquela já tão apreciável incidência.

Aguarda-se também para muito breve a abertura de um posto idêntico em Olhão, criado da mesma forma em colaboração daquela Comissão com a Câmara Municipal da importante vila, ficando assim o Algarve a dispor de 16 Postos de Turismo, é óbvio que nem todos trabalhando com a mesma eficiência, mas, enfim, sempre procurando fazer alguma coisa...

DA VIDA QUE PASSA

Azinhah Abelho

(Continuação da 1.ª página)

Pátria, pelo que havia nele de Fé e de Esperança, de certeza numa Redenção que há-de fazer-se, por que as Pátrias não morrem assim de qualquer maneira, ao virar de uma esquina da História e apenas quando alguns o querem.

Nascido em Nossa Senhora da Orada, concelho de Borba, em 1916, Joaquim Azinhah Abelho, que era este o seu nome todo, muito cedo se revelou poeta de grande sensibilidade. Veio para Lisboa licenciarse em Letras já com o seu primeiro livro de versos publicado, «Solidão, ai dão, ai dão», mas a celebridade só a conheceu ao ser-lhe atribuído, com o seu livro de poemas «Confidências de um rapaz provinciano», o Prémio de Antero do Quental, pelo Secretariado Nacional da Informação, a que o saudoso António Ferro dava então o impulso forte do seu espírito brilhante, audacioso e renovador. Passou desde aí a dedicar-se exclusivamente à actividade literária, publicando novos livros em verso e prosa e dedicando-se ao teatro e à etnografia, produzindo vários documentários cinematográficos, «Alentejo não tem sombra», que obteve o Prémio de Paz dos Reis, «Para onde vais Maria?» e «Fui ao jardim da Celeste», etc..

Trabalhou com Orlando Vitorino e com Telmo Felgueiras; foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian; colaborou em numerosas iniciativas oficiais de carácter etnográfico e folclórico e, mantendo-se sempre fiel ao seu Alentejo, de que foi, indubitavelmente, um dos maiores poetas e um dos mais entusiásticos cantores, realizou, na recolha do teatro popular — do autêntico teatro do povo, que está longe de ser aquele que com frequência nos impingem — obra verdadeiramente notável. São prova disso os 6 volumes publicados do seu «Teatro Popular Português», de que o sexto é consagrado «Ao Sul do Tejo» e em que a parte referente ao Algarve, com a Prática dos Três Pastores; os Ensaídos e as Loas da Festa de Nossa Senhora das Dores, em Alte; o Combate dos Mouros e Cristãos, de Pechão; o Auto da Vida e da Morte, de António Aleixo; o Sermão de São Martinho, em Lagos, e o Baile de roda mandado, com curiosos apontamentos gráficos da sua autoria, assinalando as várias marcações, é dedicada a quem estas agora enternecidamente escreve. Dessa valiosa obra ficou pronto para a impressão o 7.º e último volume, consagrado ao Ultramar, o qual estamos certos não deixará de ser dado à estampa, como ainda muito recentemente o foi esse outro curiosíssimo livro, aparecido há dias nos escaparates dos livreiros e que tem por título «Cancioneiro do Vinho Português».

O Algarve, que durante largo período visitou com relativa frequência e que conhecia melhor do que muitos algarvios, mereceu sempre a Azinhah Abelho especial interesse. Colaborador deste jornal, ficaram célebres as interessantes crónicas que, com o título de «Meridianos Liricos do Algarve», nestas colunas publicou em 1970 e, além do que já acima se deixou referido, prestou assinalados serviços no então existente Gabinete para o Desenvolvimento Turístico do Algarve, auxiliando a organização de várias exposições e de Festas da Fonte Grande, em Alte. Foi também da sua autoria o interessante Auto do Natal que, com o título de «Glória ao Deus Menino», se representou no Castelo de Silves, em 1965.

Na sua bondosa maneira de ser, na sua projecção nacional e nas suas relações com o Algarve, esta, a notável figura que a Morte há dias levou. Segundo seu expresso desejo foi a sepultar no cemitério de Orada e a toda a família enlutada e em especial a sua irmã, a sr.ª D. Maria Joana Abelho, e a seu sobrinho, o sr. Mariano João Abelho, que com ele viviam, apresenta o CORREIO DO SUL a expressão, muito sentida, das suas condolências.

Uma obra notável

Câmara Municipal de Faro

EDITAL N.º 3/79

CONCURSO PÚBLICO PARA ELABORAÇÃO DE PLANOS DE URBANIZAÇÃO DAS SEDES DAS FREGUESIAS RURAIS

JOAQUIM LOPES BELCHIOR, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Faro.

FAZ PÚBLICO, de harmonia com a deliberação tomada por esta Câmara Municipal em 2 do corrente mês de Janeiro, que está aberto concurso público para a elaboração dos seguintes Planos de Urbanização:

PLANO DE URBANIZAÇÃO DA SEDE DA FREGUESIA DE ESTOI
PLANO DE URBANIZAÇÃO DA SEDE DA FREGUESIA DA CONCEIÇÃO
PLANO DE URBANIZAÇÃO DA SEDE DA FREGUESIA DE SANTA BÁRBARA DE NEXE

As propostas em carta fechada e devidamente lacradas nos termos do Art.º 76 do decreto-lei n.º 48 871 deverão dar entrada na Secretaria desta Câmara Municipal até às 17 horas do dia 2 de Março do corrente ano.

A abertura das propostas realizar-se-á na primeira reunião pública desta Câmara a seguir ao termo do prazo fixado neste edital.

As condições estão patentes na Secretaria e na Secção Técnica da Câmara Municipal, onde poderão ser consultadas todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que irão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 12 de Janeiro de 1979

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
Joaquim Lopes Belchior

Justa homenagem a um funcionário municipal que completou 50 anos de serviço

TENDO completado recentemente meio século de serviço ininterrupto na Câmara Municipal de Faro, o nosso velho amigo sr. Manuel João Sabino, que há anos desempenha, com toda a competência, as funções de Encarregado Principal dos respectivos Jardins, foi alvo de uma expressiva homenagem, a que gostosamente nos associamos.

Effectuou-se ela no dia em que festejava as suas bodas de ouro de funcionário municipal e constituiu numa sessão de homenagem levada a efeito na sala nobre dos Paços do Concelho, sala que ele tantas vezes engalanou para festejar outros o que naquele dia, literalmente cheia, se engalanou para o festejar a ele. Presidiu o sr. Eng.º Joaquim Lopes Belchior, presidente da edilidade que, em nome da mesma, agradeceu ao homenageado a dedicação, a perseverança, a honestidade com que sempre tem servido, apresentando-o como um exemplo de funcionário digno e modelar. Outros oradores dirigiram também ao sr. Manuel João Sabino palavras de apreço e estima e na justa homenagem participou a Corporação dos Bombeiros Municipais, em que o mesmo é Chefe e lhe entregou uma artística lembrança. Outras lembranças assinalaram também as suas qualidades morais e profissionais e a todas as homenagens o CORREIO DO SUL se junta, na certeza de que pratica um acto da mais elementar justiça.

Novos corpos gerentes da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários

EM reunião da Assembleia Geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Faro, realizada no passado dia 27 de Dezembro foram eleitos os novos corpos gerentes da valiosa instituição, os quais ficaram constituídos da seguintes forma:

ASSEMBLEIA GERAL — José Mateus Horta, José Manuel Rainha Mascarenhas e Florival Mendes Baptista.

DIRECÇÃO — Eng.º Tito Olívio Henriques, Jorge Estêvão C. Paes Lobo, Mário Arlindo da Cruz Anjos e Jesus, Luciano Jorge da Silva Seromenho, Francisco Daniel, Lourenço José Simões e Júlio Calçada Eusébio Correia.

CONSELHO FISCAL — Fernando da Silva Alves, Carlos Alberto Morin Sales Cabreira e Francisco Jerónimo.

Pela meritória actividade desenvolvida foi prestada homenagem aos dirigentes cessantes, sr.s. Emílio Santos, Fernando Ataíde Ferreira, Brito Figueira e Florival Baptista e aprovados votos de louvor aos associados Viegas Martins e Carlos Cabreira e a todos quantos ajudaram a Associação.

Aos novos elementos directivos da simpática instituição, apresentamos os nossos cumprimentos, com os desejos das maiores venturas.

Transportado pelos
Caminhos de Ferro
Portugueses